

# DEPOIMENTOS DE VIAJANTES SOBRE A VILA DE SÃO CARLOS

## 1. LUIZ D'ALINCOURT (1818)

S. Carlos de Campinas é Vila ainda pequena, situada em uma alegre planície, na latitude austral de 22<sup>o</sup> 50' e longitude de 47<sup>o</sup> 20' de Greenwich, 18 léguas ao noroeste de São Paulo; o terreno que a cerca, a curta distância, é algum tanto mais elevado, representando à vista a forma circular, todo coberto de curto, e espesso arvoredo. Foi S. Carlos ao princípio uma freguesia, pertencente ao termo de Jundiá; depois, pelos poderes, que vieram ao Governo da Província, foi criada Vila, no dia 4 de novembro, e proclamada tal em 14 de dezembro de 1797, com o título de S. Carlos, em comemoração do Augusto Nome da Rainha, a Senhora D. Carlota Joaquina.

Antes de ser Vila, constava somente de nove moradas de casas, hoje chegam estas a mil, e a seis mil almas a população de toda a Freguesia (em 1818), cujo oragó é N. S. da Conceição. A Igreja, que foi erecta em Freguesia, e em que se celebrou a primeira missa, no ano de 1776, está bastante arruinada.<sup>1</sup> É vigário actual dela o Reverendo Joaquim José Gomes, que serve há 22 anos; homem muito cuidadoso em seus deveres, e dotado de alguns conhecimentos, além dos que são privativos de seu ministério: com ele contam-se dez vigários.

A Vila estende-se do Sueste quarta de Sul, ao Noroeste quarta de Norte, e, à esquerda da rua de entrada, é lindo o local para se continuar a mesma. No lugar marcado na planta com uma cruz, projeta-se edificar um novo templo. O terreno para a direita da rua do comércio, e para além da segunda rua, por detrás da Matriz, declina suavemente até ao ribeiro, que fica próximo e corta a estrada à saída da Vila, o qual se passa por uma ponte de

---

(1) A fonte de que serviu o viajante levou-o a cometer engano quanto ao ano da celebração da primeira missa, que foi 1774 e não 1776.

pranchões; e a poucos passos, subindo-se uma ladeira pouco inclinada, existe o Bairro de Santa Cruz, formado de algumas casas em torno de um largo, e uma ermida na frente.

As ruas de S. Carlos são direitas, e de boa largura, mas não guarnecidas de casas, em toda a sua extensão, por haver nelas repetidos espaços murados; principalmente nas ruas extremas à direita, e esquerda, e na segunda por detrás da Igreja. As casas são térreas, exceto uma propriedade; em geral de telha vã, e construídas de taipa. A cadeia é um pequeno edificio velho, com grades de pau, e a Casa da Câmara é pouco melhor; uma grossa estaca de madeira toscamente lavrada, com a Era, em que foi erecta a Vila, forma o Pelourinho, que está no largo da Matriz.

O açúcar faz o primeiro, e mais considerável ramo de exportação, que monta a cem mil arrobas, por ano; a aguardente o segundo; abunda em milho, feijão, arroz, capados, e outros gêneros, de que, depois de deduzido o preciso para o consumo do país, o restante que monta a quantidade não pequena, vai abastecer S. Paulo, Itu e Sorocaba. Tem muito boas frutas, como figos, uvas, limões doces, limas, pêssegos, laranjas, jaboticabas, melões, melancias, ananazes, algumas silvestres, e o terreno é apropriado para a cultura de muitas outras, se não obstasse a isso a incúria dos habitantes. A escravatura forma o principal ramo de importação, depois o sal, ferro, aço, gado, e outros gêneros em menor quantidade.

Geralmente sustenta-se o povo de feijão, toucinho, carne de porco, arroz e milho. Os preços correntes das produções do país são os seguintes: o açúcar em 1817, regulou a 1280 réis a arroba; o alqueire de feijão a 400 réis; o de milho a 160; o de arroz a 320; os capados de quatro arrobas a 3200; os lombos frescos a 160; as galinhas a 80 réis, etc.

Todo o terreno de Campinas é ótimo para a plantação da cana; de maneira que, há doze anos a esta parte, tem se conhecido um aumento considerável na exportação do açúcar. O lugar chamado Anhumas<sup>2</sup> tem a primazia entre os mais para a dita plantação; basta dizer-se que, a perto de 60 anos, que recebe a planta, sem que tenha sido preciso deixar-se o terreno em descanso, por se não conhecer menos abatimento na produção. Tal é a sua força! Tem o terreno todo de Campinas a grande vantagem de não ser minado pelas formigas, que são fatais às plantações, em outros muitos lugares da Província.

Há no termo desta Vila 60 engenhos, contando os do fabrico de aguardente; quinze dos quais são movidos por água; e outros muitos se

(2) Este sítio, que dista da Vila légua e meia, tira o nome de um ribeiro, que lhe passa junto, a que os antigos chamaram Anhumas, de umas aves deste nome que ali apareciam.

podem levantar por esta maneira cômoda. O principal senhor de engenho é o Coronel de milícias Luiz Antônio, morador em São Paulo, homem ajudado pela fortuna de um modo espantoso, e que possui uma das mais sólidas casas do Brasil; só ele, em Campinas, tem 16 engenhos, um dos quais lhe rendeu em 1817 nove contos de réis; a sua colheita anual não desce de 30 mil arrobas de açúcar, e a renda da sua casa anda em 80 mil cruzados.

Além desta, existem outras de bons fundos. A do Coronel Francisco Antônio de Sousa anda de dez a doze mil arrobas, em cinco engenhos, quatro dos quais são próprios. A do Sargento-mor Floriano de Camargo Penteado chega a oito mil arrobas em dois engenhos. A do Capitão Teodoro Ferraz Leite de três a quatro mil; e outras muitas deste lote; de maneira que se podem regular 20 engenhos a três mil arrobas cada um. O terreno é próprio, tanto para a cana miúda, como para a de Caiena; contudo, fazem mais uso desta última, que chega a dez e doze palmos de alto. Apesar do grande número de arrobas de açúcar, que se extraem de Campinas, a cultura deste fertilíssimo e delicioso país deve reputar-se nascente; ainda há léguas e léguas de terreno inteiramente coberto de mato virgem; e o mesmo se vê em muitas sesmarias, que deixam de ser cultivadas, pela falta de forças de seus donos.

São grandes as proporções que tem S. Carlos para ser uma vila opulenta; além da admirável posição, que ocupa, e da fertilidade do terreno, respira-se ali um ar puro, goza-se de um clima sadio, e de belas águas; e finalmente ainda se não tem conhecido uma só moléstia endêmica. Os Senhores de Engenho compõem a classe principal da terra; são homens assás polidos e de agradável trato; entre eles, há um notável, o Capitão-mor João Francisco de Andrade, por sua altura, e extraordinária gordura, que o priva de montar a cavalo; e outro, por nome José Rodrigues do Amaral, dotado de muitos bons princípios de Geometria, e até de alguns de Hidráulica.

(Memória..., 51-54).

## 2. SAINT-HILAIRE (1819)

Chegando a Campinas, alojei-me, à entrada da cidade, num espaçoso rancho coberto de telhas, de sólidas paredes construídas com terra socada (**taipa**). Entre Campinas e São Paulo vê-se certo número de ranchos construídos da mesma forma e que são denominados **ranchos reais**. A administração os construiu à sua custa, e, sob esse ponto de vista, é

merecedora de todos os encômios. Constituem assinalada proteção à agricultura livrar as caravanas da cupidez e incúria dos proprietários e procurar garantir contra desastrosa deterioração, aliás muito fácil, os valiosos produtos da terra. Oxalá que fosse uma constante preocupação a de favorecer assim os esforços dos agricultores e o comércio!

A cidade de Campinas deve sua origem ao fabrico do açúcar. Durante muito tempo acreditava-se que as terras pretas dos arredores de Itu eram as únicas, de toda essa parte da província, apropriadas à cultura de açúcar; entretanto, apesar desse preconceito, algumas pessoas ensaiaram, em 1770, plantar gramínea nas terras vermelho-escuras do atual termo de Campinas. Completo êxito coroou esse ensaio, e o exemplo foi logo seguido por grande número de agricultores. Sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, foi construída uma igreja, cuja primeira missa foi rezada em 1770.<sup>3</sup> Uma aldeia se formou, recebendo o nome de **Campinas (vastos campos)**. Em pouco tempo a igreja de Nossa Senhora da Conceição tornou-se paroquial. Enfim, em 1797, o capitão-general Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça a elevou à vila e à cabeça de termo, sob o nome de **São Carlos**, desmembrando-a do termo de Jundiaí, a que pertencia. A **juízes ordinários**, eleitos pelo povo, foi confiada a administração da justiça. De 1818 a 1825, a vila de São Carlos ou Campinas teve grande desenvolvimento, e o seu progresso foi muito mais notável depois que o Brasil se tornou independente. Em 1840, o governo provincial de São Paulo deu-lhe o título de cidade - **Cidade de São Carlos**.<sup>4</sup>

Quando de minha viagem, o nome oficial não tinha ainda prevalecido, e parece que ainda hoje não é geralmente adotado, porque unicamente o de Campinas é visto nos relatórios dos presidentes da província à Assembléia Legislativa (**Relatórios** etc. 1845, 1847)<sup>5</sup>. Numa extensão de cerca de oito léguas, o termo de Campinas contava, em 1819, 6.000 habitantes, aproximadamente, e, em 1838, contavam-se 6.689, dos quais 3.917 escravos (negros e mulatos). O crescimento da população foi, guardadas as proporções, muito menor ali do que em muitas outras partes do Brasil; mas isso não é para causar admiração, pois esse termo, encerrado dentro de

(3) Com base em D'Alincourt, Saint-Hilaire incidiu no mesmo erro, situando a primeira missa em 1770, quando, na realidade ocorreu em 1774.

(4) Novamente as fontes utilizadas levaram o viajante francês a outro engano. A elevação à cidade ocorreu em 1842 e não em 1840, e, na categoria de cidade teve restabelecida a denominação **Campinas**. Não faz sentido, pois, a expressão "Cidade de São Carlos".

(5) Deve-se ter em conta que, embora visitando Campinas em 1819, o viajante francês só publicou seu relato em 1851, tendo tido, pois, oportunidade de consultar fontes posteriores à sua viagem.

limites muito acanhados, já era, relativamente, muito povoado em 1819, não permitindo, assim, importante imigração, e, no atual estado de cousas, as terras dos engenhos de açúcar não são susceptíveis de grandes divisões.

A cidade de Campinas é cercada de matas por todos os lados. As suas ruas não são muito largas e suas casas são novas (1819), unidas umas às outras, cobertas de telhas, e construídas em sua maioria com terra socada (**taipa**). Algumas delas podem ser consideradas muito bonitas. A igreja paroquial, pequena e mesquinha, eleva-se numa praça que forma um longo quadrado. Quando de minha viagem, era intensa, nessa localidade, a construção de casas, sendo por aí fácil de perceber que a mesma, um pouco tempo, adquiriria notável importância.

A maior parte dos habitantes dos arredores de Campinas era constituída por agricultores. O seu termo é, de toda a província, o que mais açúcar produz. Desde 1819, contava ele com cerca de uma centena de engenhos de açúcar compreendidos entre os mesmos as usinas de destilação de **cachaça**; e, em 1838, existiam 93 engenhos de açúcar propriamente ditos, e igual número de usinas de destilação.

Entre os **senhores de engenhos** (proprietários de engenhos), contavam-se muitos com avultada fortuna. Luiz D'Alincourt cita um, entre outros, cuja renda atingia, em 1817, a cerca de 80.000 cruzados (200.000 frs.). As propriedades (**fazendas**), consideradas, na época de minha viagem, como tendo alguma importância, possuíam, pelo menos, uns vinte escravos, e me afirmaram que, com o trabalho dos mesmos, fabricavam, facilmente, 2.000 arrobas (29.480 quilos) de açúcar. Quanto mais vermelha é a terra, mais favorável é à cultura da cana de açúcar. As plantações produzem, na região, três anos seguidos; depois de três anos, arraza-se o canavial, para novo plantio. As boas terras, depois da derrubada das matas, produziram 20 anos; no vigésimo ano, pareciam fatigadas, pelo que foram deixadas em repouso, por três anos; mas não se sabia ainda se essa segunda vez as mesmas renderiam, sem interrupção, um lapso de tempo tão considerável como o primeiro.

Tudo o que aí fica dito prova que, se o solo do termo de Campinas não é igual em fertilidade ao dos **Campos dos Goitacazes**, é, entretanto, mais fértil do que geralmente o são as regiões de Minas Gerais, em que se cultivava a cana de açúcar. Creio poder garantir a autenticidade dessas informações sobre as terras de Campinas, porque me foram fornecidas pelo **capitão-mor** dessa localidade e por um sacerdote, não desprovido de instrução.

Alguns proprietários do termo de Campinas possuem tropas, de que se servem para expedir o açúcar que produzem, até o porto de Santos; outros recorrem a arrieiros, que se encarregam do transporte, à razão de \$ 340 a \$ 400 (2 frs. a 2 frs, 50 cents) a arroba (14 quilos, 74). As caravanas levam doze dias nessa viagem. Cada muar carrega oito arrobas, divididas em dois sacos, cada um deles encerrado num grande cesto de bambu (**taquara**) denominado **jacá**. Os jacás são achatados e pouco mais ou menos quadrados, muito semelhantes aos que servem para o transporte de queijos, de Minas Gerais à capital do Brasil.

Na tarde do dia em que cheguei a Campinas, fui visitar o capitão-mor, que me recebeu com muita gentileza, convidando-me a almoçar em sua companhia no dia seguinte. Logo que cheguei à sua residência, fui convidado a tomar, à guiza de chá, uma decocção de **mate** ou **erva do Paraguai**. Como se verá a seguir, essa bebida acabou por me parecer deliciosa; mas, nessa primeira vez, achei-a pouco agradável, seja porque a **erva**, como se diz no Brasil, não fosse de boa qualidade, seja porque eu tivesse necessidade de ao uso da mesma me acostumar.

A sala de recepção e a sala de jantar da residência do capitão-mor, únicos apartamentos que me foram mostrados, tinham as paredes pintadas imitando mármore até a altura do peitoril das janelas; daí, para cima, até o teto, eram pintadas de branco, com uma barra imitando um cordão de flores. Na época, esse sistema de decoração, que não era de todo deselegante, parecia ser muito usado nas casas dos brasileiros ricos. O dia seguinte ao de minha chegada a Campinas caíu num domingo. Vi passar diante do **rancho** em que me alojei um grande número de agricultores, homens e mulheres, os quais, a cavalo, vinham à missa. A localidade encheu-se, assim, de gente.

Aí, como em todo o interior do Brasil, as mulheres montam a cavalo na mesma posição que os homens; quando cavalgam, usam um chapéu de feltro e vestem uma espécie de **amazona** feita, comumente, de pano azul. Desde Mogí, nem um só homem encontrei, mormente quando a cavalo, que não tivesse seu **poncho**. Durante a missa, as mulheres de Campinas mantinham, como as da costa, o corpo e a cabeça envolvidos numa longa mantilha de tecido preto.

(Viagem..., 147-151).

## DANIEL P. KIDDER (1839)

Por volta de uma hora da tarde chegamos à vila de São Carlos, onde fomos cordialmente recebidos e hospedados por um cavalheiro ao qual levámos cartas de apresentação. A povoação está situada no início de uma vasta série de planícies que se projetam para o interior. O caminho pelo qual viemos do litoral só dava passagem para animais, mas, a partir desse lugar, podia-se viajar em carruagem por cerca de 300 milhas.

Pela sua posição, o lugar tornou-se o ponto de encontro das tropas que levam açúcar para o litoral e de lá trazem sal e outros artigos. Aí viam-se diariamente animais carregando e descarregando. À medida que esvaziavam os jacás onde transportavam os sacos de sal, eram postos de lado como imprestáveis. Sobre eles caíam então os garotos em animada disputa a fim de empilhá-los, e, à noite, ver qual deles fazia a fogueira mais alta. Essa competição não constituía o único divertimento em São Carlos.

O Largo, ou a praça principal da cidade servia de campo de exercício militar. A segurança de todo o país havia sido recentemente ameaçada pelas desordens ocorridas em Vila Franca.<sup>6</sup> Tinha-se, portanto, tornado necessário preparar novos defensores da ordem para futuras eventualidades. O destacamento da localidade era constituído por cerca de vinte homens e meninos, alguns de botas altas e roupa de algodão, outros vestidos com mais simplicidade, em resumo, dificilmente havia dois fardados e equipados da mesma maneira. Quando formavam para a instrução que lhes era diariamente ministrada por algum subalerno do exército, sua aparência bastava para evidenciar sua fraqueza. Seriam muito mais poderosos se montados à maneira do país, armados de pistolas e facas de ponta, pendentes da cinta, para trás, e, portanto, em muito melhores condições de sufocar qualquer movimento, que presos às regras da disciplina.

Conquanto aparentasse mais vida e energia em vários setores comerciais que diversas outras cidades do mesmo porte, ainda assim reclamam que São Carlos passa, de vez em quando, por períodos bem difíceis. Certo comerciante septuagenário com quem tivemos ocasião de conversar, lamentou seriamente a instituição do sistema de crédito por meio do qual pessoas sem capital podiam estragar o negócio dos que dispunham de recursos próprios. Suspirou pelos áureos tempos de D. João VI, quando

(6) Refere-se o autor ao episódio conhecido na história de Franca pelo nome de **Anselmada** e ocorrido pouco antes, e que resultou numa série de desordens que perturbaram muito a vida da comunidade. Episódio típico de política local.

circulavam livremente barras de ouro tão grandes, que com elas se podiam quebrar nozes! Mas agora, nem prata se via; nada mais a não ser notas depreciadas e patações de cobre.

A nosso ver o lugar foi inutilmente sacrificado com a substituição de seu bonito e adequado nome de Campinas. Conquanto apreciemos a denominação de São Carlos, tanto quanto o nome de qualquer outro santo, não podemos nos conformar com o sistema de denominar os lugares, imposto aos brasileiros pelo clericalismo, a despeito de seu bom gosto e melhor critério.

**(Reminiscências..., I: 217-219).**